



Konder: amor pela filosofia e literatura e aversão à polêmica

O filósofo cordial

Leandro Konder dedicou-se a estudar e divulgar a obra de Karl Marx

Os numerosos reveses sofridos pelo marxismo nas últimas décadas do século XX nunca desanimaram o professor de filosofia, ensaísta e escritor Leandro Konder. “A filosofia é um terreno de resistência que se pergunta não para que serve uma determinada teoria, mas qual a sua verdade”, disse ele em entrevista à *Pesquisa FAPESP* em dezembro de 2002 (edição 82). Um dos mais respeitados estudiosos da obra de Karl Marx no Brasil, Konder era formado em direito, doutorado em filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professor titular da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Morreu no dia 12 de novembro de 2014, aos 78 anos, no Rio, em consequência do mal de Parkinson.

Konder era natural de Petrópolis (RJ), filho de um médico sanitarista, ex-dirigente do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Embora tenha se notabilizado como pensador marxista e divulgador das ideias do filósofo húngaro György Lukács (1885-1971), ele atuou também como advogado trabalhista nos anos 1950 e 1960. Logo após o golpe militar de 1964, Konder defendeu sindicatos e trabalhadores. Sua proximidade com os movimentos sociais o levou à prisão, onde foi torturado. Em 1972 exilou-se na Europa e morou na Alemanha – foi professor visitante na Universidade de Bonn – e França. Voltou seis anos depois.

A partir dos anos 1980 trabalhou como professor no Instituto Metodista Bennett, Universidade Federal Fluminense e PUC-Rio. Dedicou-se a difundir os es-

tudos sobre Marx e Lukács e a escrever. No total, é autor de 21 obras e não só de filosofia – aventurou-se pela educação, história, sociologia e memorialística. Seu primeiro livro é de 1965, *Marxismo e alienação* (Expressão Popular); o último foi *Em torno de Marx* (Boitempo Editorial), de 2010. Também escreveu dois romances, *A morte de Rimbaud* (Companhia das Letras) e *Bartolomeu* (Relume Dumará).

O passeio pelos vários gêneros agradava ao filósofo, segundo seus amigos. “Ele amava a literatura, vivia pela literatura e pela filosofia”, lembrou o também filósofo e ensaísta Sergio Paulo Rouanet ao jornal *O Globo*. “Era um marxista dos menos dogmáticos, conhecido por sua doçura, carisma e generosidade.” Para Marco Aurélio Nogueira, professor de teoria política e diretor do Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Konder era também reconhecido pela fineza intelectual e texto envolvente. “Konder nunca fez concessões ao doutrinário e ao dogmatismo tão comuns no universo marxista e no campo comunista, no qual militou a vida inteira”, escreveu em *O Estado de S.Paulo*. “Como professor, não se cansou de descer do pedestal e de construir pontes entre o saber acumulado e a jovem intelectualidade, os homens de cultura, os militantes democráticos e socialistas.” O jornalista e escritor Zuenir Ventura afirmou a *O Globo* que Konder nunca hierarquizou as pessoas pela ideologia. “Ele colocava o afeto acima de todas as coisas”, disse.

A imagem passada pelos amigos foi a mesma que ele mostrou na já citada entrevista à *Pesquisa FAPESP*, quando falou de sua aversão à polêmica: “Machado de Assis dizia: ‘Sofro de tédio à controvérsia’. Gosto do diálogo, da diferença, mas, quando esta se manifesta muito agressivamente, falta paciência”. ■